

# O nosso ensino médio não é sequer médio, é ruim

**A**no a ano, estamos enxugando gelo. O nosso ensino médio ostenta a taça de chumbo no espectro das mazelas da educação brasileira. Na faixa etária de 15 a 17 anos, apenas 47,7% mantêm adequada a relação idade/série, e quase 2 milhões desses jovens abandonam a escola em cada período letivo. Com fulcro em dados divulgados pelo MEC, o índice de reprovação em 2011 atingiu 13,1% – o dobro do percentual de 12 anos atrás. O colégio deve ser mais atraente, pois, de acordo com a pesquisa, o principal motivo de abandono e reprovação é que a escola é “chata”. O conteúdo é por demais clássico, acadêmico, e não leva em conta os diversos tipos de inteligência e potencialidades do aluno.

Em todo ranking comparativo com outros países, sempre pontuamos entre os últimos no quesito desempenho escolar. Para reverter esse quadro, o primeiro passo – e único que não exige dispêndio financeiro – é reduzir o conteúdo da atual grade curricular do ensino médio. Há poucas “quase unanimidades” entre os educadores, e esta é uma delas. Amiúde, debatemos com os professores das diversas disciplinas e para a maioria há sobrecarga de conteúdos. A partir dessa rica convivência, fruto das visitas a outras escolas do Brasil ou do exterior e das nossas leituras, é que afirmamos com convicção: por decorrência dos vestibulares, o nosso ensino médio necessita de uma assepsia, cujos vermes são os excessos da grade curricular.

É a hora e a vez de um bom discernimento para enxugar o programa do ensino médio. Destarte, alargaremos os horizontes e estaremos dando um primeiro passo em direção aos países com boa estrutura educacional. Que não parem dúvidas, porém, quanto à obrigação primeira da escola: ministrar um bom ensino curricular, preparando o aluno para os concursos e a vida profissional. Reduzir o programa em 20% a 30% não implica abaixamento no nível de aprendizagem, pois constituem penduricalhos desnecessários.

Uma vez implementada a redução e um melhor detalhamento dos conteúdos, há espaço e tempo para o início de um ciclo virtuoso: ofertar aos alunos ensinamentos mais atraentes e edificantes. A atual geração dos jovens valoriza o lúdico, a multimídia, as práticas experimentais, a vivência dos fenômenos naturais e humanos, o diálogo entre as diversas disciplinas. Isto posto, estaremos mais próximos das palavras simples e plenamente inteligíveis do epistemologista suíço Jean Piaget: “Só se aprende o que tem sentido, o que é prazeroso.” Seria cômico se não fosse trágico: o nosso antigo 2º grau não é “médio”. É ruim. Com as exceções reconhecidas pelas famílias. ■



**Jacir J. Venturi**

Vice-presidente do Sinepe-PR, foi diretor de escola e professor dos ensinos fundamental e médio e de pré-vestibulares  
jacirventuri@hotmail.com